

## Questionário sobre a Família

### 1. Sobre a difusão da Sagrada Escritura e do Magistério da Igreja a propósito da família

**a) Qual é o conhecimento real dos ensinamentos da Bíblia, da “Gaudium et spes”, da “Familiaris consortio” e de outros documentos do Magistério pósconciliar sobre o valor da família segundo a Igreja católica? Como os nossos fiéis são formados para a vida familiar, em conformidade com o ensinamento da Igreja?**

O conhecimento da doutrina da igreja, tal como ele surge explicitado na Bíblia, nas encíclicas e noutros documentos do magistério pós-conciliar sobre o valor da família é escasso. É consensual que são poucos os que conhecem profundamente estes documentos.

**b) Onde é conhecido, o ensinamento da Igreja é aceite integralmente? Verificam-se dificuldades na hora de o pôr em prática? Se sim, quais?**

Aqueles que os conhecem – ou conhecem a doutrina da Igreja por outras vias -, seguem, sobretudo, a sua consciência, sobretudo no que diz respeito à doutrina da Igreja relativamente à sexualidade e à contraceção.

Recorda-se que o papel da consciência surge expresso nos próprios documentos do magistério. A Familiaris Consortio (nº 5), fala do contributo “próprio e insubstituível” dos esposos e pais cristãos. A Humanae Vitae (nº 10) da “paternidade responsável”, que “comporta uma relação mais profunda com a ordem moral objectiva estabelecida por Deus, de que a consciência recta é intérprete fiel”.

**c) Como o ensinamento da Igreja é difundido no contexto dos programas pastorais nos planos nacional, diocesano e paroquial? Que tipo de catequese sobre a família é promovida?**

Parte dos conhecimentos partilhados sobre a doutrina da Igreja relativa à família resulta mais do que surge nos media (dando estes maior relevância às suas dimensões mais mediáticas, desvirtuando, muitas vezes, alguns dos seus sentidos mais profundos), do que pela transmissão da doutrina por via das instituições eclesiais.

Para alguns, o desconhecimento mais ou menos generalizado da doutrina da Igreja relativamente à família resulta da deficiente organização paroquial na cidade de Lisboa. A pouca identificação com as paróquias da residência, em parte porque as respostas paroquiais para as famílias são insuficientes, não estimula a articulação entre a família e o enquadramento institucional mais imediato, comprometendo, de alguma forma, a vivência da família cristã: muitas vezes os pais frequentam uma igreja, alguns filhos fazem catequese numa outra, outros ainda estão em grupos de jovens de uma terceira. Mais do que nas paróquias, é noutra tipo de dinâmicas (articulação pastoral entre as diferentes paróquias da cidade, movimentos, cursos, etc.), que as famílias podem encontrar formação cristã.

Em suma, a comunidade considera que a formação disponível, do ponto de vista de formação catequética ou bíblica, é insatisfatória.

Parte do desconhecimento da doutrina da Igreja resulta de muitos casais não procurarem formação a este nível. I.e., para alguns existe oferta satisfatória, mas a procura é que é insatisfatória. Para a maior parte, todavia, não existe, da parte da Igreja, uma estratégia eficaz e apelativa com o objectivo de chegar às pessoas. Assim sendo, tem cabido à própria família a formação para a família, quer a partir da transmissão geracional, quer a partir da aprendizagem comum já enquanto família constituída.

Foi consensual que a Igreja “não” foi capaz de se adaptar à vida das pessoas e às suas necessidades de comunicação, oferecendo uma catequese satisfatória.

**d) Em que medida – e em particular sob que aspetos – este ensinamento é realmente conhecido, aceite, rejeitado e/ou criticado nos ambientes extraeclesiais? Quais são os factores culturais que impedem a plena aceitação do ensinamento da Igreja sobre a família?**

Relativamente aos factores culturais que impedem a plena aceitação da doutrina, são elencadas várias situações:

- as grandes transformações da família nas últimas décadas, mudanças sócio-culturais que também acarretaram mudanças na imagem tradicional da família, sem existir, ainda, um modelo alternativo;
- a desadequação do modelo do matrimónio centrado no conjunto familiar ao momento histórico, tornando-o incapaz de gerar a força necessária para um amor conjugal para “toda a vida”;

- as gerações estarem separadas e fechadas em si mesmas com a consequente falta de diálogo e participação;
- ter-se verificado uma ruptura dos papéis reconhecidos no passado aos diversos membros da família, resultando numa falta de identidade das pessoas dentro do grupo familiar;
- haver um grande desfasamento entre o discurso oficial da igreja e a realidade social, desfasamento não só plasmado nas encíclicas e documentos do magistério, tanto mais indecifráveis quanto mais antigas, mas também no conjunto de questões deste mesmo inquérito.

## 2. Sobre o matrimónio segundo a lei natural

**a) Que lugar ocupa o conceito de lei natural na cultura civil, quer nos planos institucional, educativo e académico, quer a nível popular? Que visões da antropologia estão subjacentes a este debate sobre o fundamento natural da família?**

Em primeiro lugar é importante questionar sobre os sentidos adscritos ao conceito “Lei Natural”: o que se entende por Lei Natural? De onde vem o conceito? O conceito existe “naturalmente”, ou é uma construção cultural e dogmática? Há várias leis naturais?

- para alguns, questões deste tipo encerram os perigos do relativismo e a correspondente ameaça resultante do se considerar tudo uma “construção social”. Face a um relativismo radical, como ancorar o pensamento da igreja? - perguntou-se.
- Para outros, o questionamento do conceito não faz qualquer sentido, já que – e para esses – a Lei Natural decorre do próprio plano de Deus para a humanidade.
- Por fim, houve quem acrescentasse que o problema estava inevitavelmente contaminado por visões moralistas, sendo necessário ter em conta, também, essa dimensão do problema.

Assim, sobre este tema levantam-se questões de natureza conceptual, divergindo as opiniões em relação a: a natureza como expressão do plano de Deus; o relativismo como ameaça, etc. Considerou-se, ainda, que as leis do Estado fogem a uma

concepção estrita de lei natural, não existindo um debate sério sobre o tema. Revelou-se alguma vontade em pensar de forma mais aprofundada o assunto.

**b) O conceito de lei natural em relação à união entre o homem e a mulher é geralmente aceite, enquanto tal, por parte dos batizados?**

**c) Como é contestada, na prática e na teoria, a lei natural sobre a união entre o homem e a mulher, em vista da formação de uma família? Como é proposta e aprofundada nos organismos civis e eclesiais?**

**d) Quando a celebração do matrimónio é pedida por batizados não praticantes, ou que se declaram não-crentes, como enfrentar os desafios pastorais que daí derivam?**

Deve haver abertura da parte da igreja, já que esse pode ser um momento no qual os participantes se podem sentir acolhidos e tocados pela graça, daí resultando uma reaproximação à fé.

### **3. A pastoral da família no contexto da evangelização**

**a) Quais foram as experiências que surgiram nas últimas décadas em ordem à preparação para o matrimónio? Como se procurou estimular a tarefa de evangelização dos esposos e da família? De que modo promover a consciência da família como “Igreja doméstica”?**

No geral as famílias não são um centro de irradiação espiritual, apesar de haver uma minoria de famílias a incarnar esse papel. Há famílias exemplares, mas, ainda assim, considerou-se que havia muito caminho a fazer. Há quem recorde, inclusive, que os cristãos deviam ser humildes, pois havia casais não cristãos que eram prova de um amor maior do que alguns casais cristãos. Assim sendo, a expressão “igreja

doméstica”, interiorizada e vivida pelas famílias cristãs, é uma expressão ainda a descodificar e concretizar.

A este respeito seria importante fazer uma pergunta: a de saber se a evangelização é aquilo que distingue, sobretudo, a família católica da família não-católica?

- Para parte dos presentes, reside precisamente aí a diferença. Estes lembraram que muitas famílias eram lugares de evangelização, não apenas para os seus membros, como para quem delas se aproximava.
- A maioria voltou a sublinhar que essa situação não era majoritária.

**b) Conseguiu-se propor estilos de oração em família, capazes de resistir à complexidade da vida e da cultural contemporânea?**

**c) Na atual situação de crise entre as gerações, como as famílias cristãs souberam realizar a própria vocação de transmissão da fé?**

A família pode-se expressar enquanto centro de irradiação espiritual de formas variadas:

- No quotidiano, na maneira como exprime a sua relação com os outros e com o mundo, nomeadamente nas suas formas de hospitalidade e de acolhimento.
- Mas também nos momentos-limite da vida, tal como as doenças prolongadas, a morte, inesperada ou não.

Considerou-se, contudo, que, ainda assim, e mais uma vez, as famílias católicas tendem a dar testemunhos contraditórios, sendo que alguns destes testemunhos nem sequer são credíveis. A esse propósito, levanta-se uma outra questão: O que é que torna “credível” o testemunho de uma família católica? Quais são os parâmetros dessa credibilidade? Como evitar a contradição dentro da família, que procura ser profundamente cristã, e que, ao mesmo tempo, a maneira como expressa, na vida, na comunidade, a sua fé, a torna pouco credível aos olhos dos que não são católicos, comprometendo, dessa forma, o seu papel de testemunha (deu-se o exemplo de algumas famílias que têm vários filhos, mas que são, na verdade, indesejados)?

**d) De que modo as Igrejas locais e os movimentos de espiritualidade familiar souberam criar percursos exemplares?**

Surgiram muitos movimentos e experiências de preparação para a vida familiar e para a vida da família na comunidade. Todavia, e apesar de haver na cidade de Lisboa alguns exemplos notáveis, assinala-se que muitos destes movimentos se fecharam sobre si mesmos, em vez de se abrirem à sociedade. Por outro lado, as estruturas paroquiais não estão a fazer o seu papel, a este nível. Em suma, considera-se que no que diz respeito à formação para o matrimónio, a estratégia da Igreja não é clara nem apelativa. Aliás, o modo como se formularam várias questões deste inquérito revela isso mesmo.

**e) Qual é a contribuição específica que casais e famílias conseguiram oferecer, em ordem à difusão de uma visão integral do casal e da família cristã, hoje credível?**

**f) Que atenção pastoral a Igreja mostrou para sustentar o caminho dos casais em formação e dos casais em crise?**

Relativamente ao investimento que se faz na espiritualidade familiar, no suporte espiritual, numa oração adaptada à família, a comunidade considera, no geral, que não existe grande investimento, nem uma estratégia concertada para uma espiritualidade da família.

**4. Sobre a pastoral para enfrentar algumas situações matrimoniais difíceis**

**a) A convivência ad experimentum é uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Em que percentagem se poderia calculá-la numericamente?**

A coabitação pré-matrimonial é muito frequente, é a opção escolhida pela maioria dos jovens casais, que a vivem sem sentimentos de culpabilidade. Esta realidade não é vista com preocupação pela comunidade, que reconhece os problemas decorrentes das restrições aos contactos íntimos pré-matrimoniais nas gerações anteriores.

**b) Existem uniões livres de facto, sem o reconhecimento religioso nem civil?  
Dispõem-se de dados estatísticos confiáveis?**

As uniões de facto são também muito frequentes entre os jovens casais, em número equivalente ou superior às uniões com vínculo religioso ou civil. Mas nem sempre resultam de escolha: há que ter em conta dificuldades de habitação ou de ordem financeira, há situações de grande sofrimento e, por vezes, as uniões de facto resultam da impossibilidade de casamento de uma das partes. Em muitos casos coexistem com a vontade de batizar e educar religiosamente os filhos.

**c) Os separados e os divorciados recasados constituem uma realidade pastoral relevante na Igreja particular? Em que percentagem se poderia calculá-los numericamente? Como se enfrenta esta realidade, através de programas pastorais adequados?**

**d) Em todos estes casos: como vivem os batizados a sua irregularidade? Estão conscientes da mesma? Simplesmente manifestam indiferença? Sentem-se marginalizados e vivem com sofrimento a impossibilidade de receber os sacramentos?**

**e) Quais são os pedidos que as pessoas separadas e divorciadas dirigem à Igreja, a propósito dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação? Entre as pessoas que se encontram em tais situações, quantas pedem estes sacramentos?**

Apesar da doutrina oficial, a atitude da Igreja em relação aos divorciados recasados é muito diversa, depende muito da paróquia. Há sacerdotes que não permitem o seu acesso à comunhão, outros que aconselham numa comunidade onde não sejam conhecidos, outros que a excluem em absoluto.

Alguns divorciados recasados aceitam o não acesso à comunhão sem amargura e sentem que isso não impede o fortalecimento da sua relação com Deus, mas para a maioria é uma causa de grande sofrimento. A maioria dos membros da comunidade considera que há situações muito diversas nestes casos, que devem ser tidas em conta.

Foi reconhecida como muito boa prática, que deveria ser alargada a outras paróquias, a "comunhão espiritual", o traçar do sinal da cruz numa mão aberta, como expressão

do amor de Deus, praticada na Capela do Rato. Mas este gesto deve também funcionar como um alerta para o sofrimento que a impossibilidade de comungar constitui para tantos crentes.

Algumas pessoas consideram que não comungar é uma consequência das suas opções, outras consideram um escândalo que haja pessoas que, por esse motivo, sejam "postas de lado", não podendo partilhar a refeição da Eucaristia.

**f) A simplificação da práxis canónica em ordem ao reconhecimento da declaração de nulidade do vínculo matrimonial poderia oferecer uma contribuição positiva real para a solução das problemáticas das pessoas interessadas? Se sim, de que forma?**

A comunidade considera que deve haver regras e que as regras devem ser cumpridas, mas há que rever a doutrina, que está em muitos aspetos desfasada da realidade atual. A primeira regra deveria ser a da misericórdia, todos devem ter uma segunda oportunidade, foi o que Jesus nos ensinou. A doutrina também tem uma história, e o sacramento do matrimónio também deve ser entendido no seu contexto histórico. É preciso aprofundar a dimensão teológica deste sacramento.

Questionada a indissolubilidade do casamento, a comunidade considera que a revisão das regras de nulidade do matrimónio não é uma solução satisfatória para este problema, há que fazer uma reflexão mais ampla e profunda.

**g) Existe uma pastoral para ir ao encontro destes casos? Como se realiza esta atividade pastoral? Existem programas a este propósito, nos planos nacional e diocesano? Como a misericórdia de Deus é anunciada a separados e divorciados recasados e como se põe em prática a ajuda da Igreja para o seu caminho de fé?**

A comunidade considera que a Igreja deveria ter uma atitude mais aberta em relação a esta realidade, deveria haver uma pastoral mais clara e mais inclusiva de modo a que a Igreja acolha plenamente estas pessoas no seu seio. Os evangelhos mostram-nos que foi sempre esta a atitude de Jesus em relação aos excluídos pela sociedade e pela Igreja do seu tempo.



## 5. Sobre as uniões de pessoas do mesmo sexo

**a) Existe no vosso país uma lei civil de reconhecimento das uniões de pessoas do mesmo sexo, equiparadas de alguma forma ao matrimónio?**

Em Portugal, existe uma lei que permite o casamento entre pessoas do mesmo sexo.

**b) Qual é a atitude das Igrejas particulares e locais, quer diante do Estado civil promotor de uniões civis entre pessoas do mesmo sexo, quer perante as pessoas envolvidas neste tipo de união?**

Considera-se que, para definir a sua atitude e a sua pastoral em relação a estas questões, a Igreja deveria ter em conta o conhecimento científico em relação às questões de género, ambiguidade sexual e orientação sexual.

Porquê discriminar uma pessoa na sua relação com Deus por causa da sua orientação sexual ?

A doutrina da Igreja em relação à homossexualidade é de uma grande intolerância, cria insegurança e culpa, embora haja membros da Igreja que têm atitudes de acolhimento e compreensão em relação às pessoas homossexuais. Mas em geral há uma grande incompreensão e desconfiança mútua, entre a comunidade homossexual e a comunidade cristã.

**c) Que atenção pastoral é possível prestar às pessoas que escolheram viver em conformidade com este tipo de união?**

A Igreja está muito impreparada para lidar com esta realidade. Em Portugal e em Lisboa não há uma pastoral sobre este assunto nem a questão é tratada na formação dos sacerdotes, que não são ajudados a acolher. A Igreja deveria ajudar as pessoas homossexuais a fazer o seu percurso de fé, a rezar a sua condição, a crescer para Deus, a serem protagonistas nas suas comunidades. A Igreja ficará mais pobre se não o fizer. Foi apontada a correta referência a “pessoas que escolheram viver em conformidade com este tipo de união”, pois escolher viver é escolha.

A comunidade considera que as pessoas homossexuais devem ter toda a atenção pastoral, como as heterossexuais, embora algumas pessoas tenham dúvidas sobre se as uniões de pessoas do mesmo sexo deve ser vista do mesmo modo que as uniões heterossexuais.

A transmissão da fé a crianças adotadas por casais homossexuais deve ser feita da mesma forma que a de todas as crianças, começando pelo respeito pelo contexto familiar da criança.

Foi afirmado que a Fé é a mesma, não há outra pastoral.

Todos devemos empenhar-nos numa formação cristã mais aprofundada nas nossas comunidades.

**d) No caso de uniões de pessoas do mesmo sexo que adotaram crianças, como é necessário comportar-se pastoralmente, em vista da transmissão da fé?**

**6. Sobre a educação dos filhos no contexto das situações de matrimónios irregulares**

**a) Qual é nestes casos a proporção aproximativa de crianças e adolescentes, em relação às crianças nascidas e educadas em famílias regularmente constituídas?**

**b) Com que atitude os pais se dirigem à Igreja? O que pedem? Somente os sacramentos, ou inclusive a catequese e o ensino da religião em geral?**

**c) Como as Igrejas particulares vão ao encontro da necessidade dos pais destas crianças, de oferecer uma educação cristã aos próprios filhos?**

**d) Como se realiza a prática sacramental em tais casos: a preparação, a administração do sacramento e o acompanhamento?**

## **7. Sobre a abertura dos esposos à vida**

**a) Qual é o conhecimento real que os cristãos têm da doutrina da Humanae vitae a respeito da paternidade responsável? Que consciência têm da avaliação moral dos diferentes métodos de regulação dos nascimentos? Que aprofundamentos poderiam ser sugeridos a respeito desta matéria, sob o ponto de vista pastoral?**

Em relação às perguntas 7.a-d, sublinhou-se a grande distância entre o que é proposto na Humanae Vitae e o que é a vida dos casais. Recordou-se o equívoco por detrás da redacção da Humanae Vitae, as propostas alternativas que a maioria da primeira da comissão redactorial apresentara mas que, face às pressões de sectores da Cúria Romana, levou à alteração da composição da comissão. Por outro lado, o senso comum sobre a Humanae Vitae está centrado na doutrina sobre a contracepção, desconhecendo-se outros aspectos da encíclica (esta obsessão é por vezes reforçada nos Cursos de Preparação para o Matrimónio). Questiona-se a visão mecanicista da sexualidade que atravessa os textos doutrinários e a ausência de uma descrição mais completa e humana da vida do casal. Propõe-se, por isso mesmo, que se desconsidere a Humanae Vitae, de modo a evitar a transformar a sexualidade em algo independente do pensamento. Recordar-se, ainda, que a fertilidade do casal não se deve resumir à concepção e à contracepção, e que o ser aberto à vida não se deve resumir aos filhos, mas à capacidade do casal ser fermento no mundo. Considerou-se, por fim, que em vez da Humanae Vitae, era o amor o melhor leme da abertura dos esposos à vida. E que seria desejável que houvesse mais projectos pastorais a articular família e comunidade, promovendo, dessa forma, a sua fecundidade social.

**b) Esta doutrina moral é aceite? Quais são os aspetos mais problemáticos que tornam difícil a sua aceitação para a grande maioria dos casais?**

**c) Que métodos naturais são promovidos por parte das Igrejas particulares, para ajudar os cônjuges a pôr em prática a doutrina da Humanae vitae?**

**d) Qual é a experiência relativa a este tema na prática do sacramento da penitência e na participação na Eucaristia?**

**e) Quais são, a este propósito, os contrastes que se salientam entre a doutrina da Igreja e a educação civil?**

Reconhece-se, ao mesmo tempo, que os constrangimentos sociais impedem um crescimento da natalidade. As políticas para a família, a nível estatal, são muito fracas, e as condições para as famílias crescerem em número de filhos são reduzidas. Torna-se necessário, por isso mesmo, lutar para que as condições de vida das pessoas melhorem, através de políticas sociais activas que facilitem a vida dos mais jovens e que permitam a conciliação entre trabalho e família.

**8. Sobre a relação entre a família e a pessoa**

**a) Jesus Cristo revela o mistério e a vocação do homem: a família é um lugar privilegiado para que isto aconteça?**

Para boa parte da comunidade, um dos desafios maiores que as sociedades ocidentais colocam à família cristã é a sua crescente laicização. Como ser uma família cristã num universo tão marcado pela laicidade? Neste contexto, pergunta-se: será necessário um novo modelo de família, ou é melhor não haver modelo, de modo a permitir uma maior abertura às novas realidades familiares? Ou pode fazer-se caminho a partir dos vários modelos que existem?

Reconhece-se, também, que a actualidade é diferente, em relação aos estímulos para a fé do que, por exemplo, nos tempos do Concílio. As crianças que cresceram nessa altura puderam partilhar a alegria dos pais, e essa alegria transmitiu-se para o futuro. Como é que se pode retomar, recuperar essa alegria, e transmiti-la? Há muitos casais a criarem dinâmicas de alegria em Cristo, e transmissão dessa alegria?

**b) Que situações críticas da família no mundo contemporâneo podem tornar-se um obstáculo para o encontro da pessoa com Cristo?**

As condições actuais de vida prejudicam, de forma radical, a concepção da família como fonte de testemunho, como passagem do testemunho. Como é possível fazer família, sem ter tempo e espaço para ser família?

**c) Em que medida as crises de fé, pelas quais as pessoas podem atravessar, incidem sobre a vida familiar?**

**f) Como promover uma mentalidade mais aberta à natalidade? Como favorecer o aumento dos nascimentos?**

## **9. Outros desafios e propostas**

1) Um desafio maior é contrariar tentação de fechamento da família em si mesma, que todas as famílias enfrentam pelas circunstâncias da vida (trabalho, falta de tempo, etc...), fazendo com que entrem, ao invés, numa dinâmica que responda a duas exigências fundamentais:

- viver um processo evangelizador permanente, em ordem à santidade comunitária (ou seja, uma comunidade cristã em crescimento permanente);
- responder aos momentos e problemas específicos da família, especialmente aos momentos críticos.

2) Lamentou-se que em nenhum momento deste inquérito se levante a questão da violência doméstica, um problema que atinge tantas sociedades, nomeadamente algumas de tradição católica.